

A paratopia, a desterritorialização e a cultura da poética ciborgue nos discursos artísticos de Edgar Franco *Ciberpajé*

Ricardo Celestino

Considerações iniciais

Nas últimas décadas, Edgar Franco, artisticamente conhecido como *Ciberpajé*, tem se destacado por sua produção de discursos artísticos que utilizam inteligências artificiais como ferramentas criativas. Criador do universo ficcional Aurora Pós-humana e coordenador do grupo de pesquisa Cria_Ciber, vinculado à Universidade Federal de Goiás, Franco defende o uso das IAs como um meio para alcançar novos métodos de pensamento e criação. Este capítulo propõe uma reflexão sobre um aspecto da cultura do século XXI, a poética ciborgue, evidenciada pela forma que as inteligências artificiais generativas estão sendo cada vez mais incorporadas nas rotinas de criação

artística, particularmente em iniciativas de vanguarda, *underground* e independentes.

À luz das teorias de Ernesto de Melo e Castro, em *Poética ciborgue*, compreendemos que uma das condições para uma poética ciborgue é a consolidação de mitos, que sustentam os esforços irracionais da mente humana para criar algo racional. O mito da máquina criadora é um exemplo significativo que, embora ainda não completamente consolidado, é alimentado pelos avanços de plataformas como o ChatGPT e outras ferramentas de inteligências artificiais generativas. Esses avanços fomentam a expectativa de uma maior autonomia da máquina em relação ao humano. No entanto, a mediação humana permanece central para a potência criativa dessas ferramentas, configurando a sinergia entre corpo orgânico e corpo sintético, homem e máquina.

O salto subjetivo que as inteligências artificiais generativas podem oferecer na construção artística reside na ideia de que a arte se faz pela crítica de cunho dialético, em que cada indivíduo expressa objetivamente um sentir coletivo. Retomando a perspectiva vanguardista do poeta Jorge Meneses, uma “máquina de trovar” seria um aparato tecnológico, que potencializaria essa capacidade humana de expressar o sentir coletivo, atuando como um instrumento de pesquisa e um coletor de sentimentos coletivos.

Como aparato teórico-metodológico de nossa pesquisa, utilizamos a categoria de paratopia, proposta por Maingueneau (2014) e fundamentada pela Análise do Discurso de tendência francesa (AD). A paratopia é uma categoria produtiva por situar o lugar que o enunciador de um discurso artístico ocupa em relação a outros discursos. O enunciador artístico encontra-se em um território que, simultaneamente, existe e não existe, pois as conjunturas para a enunciação desse tipo de discurso são dadas coletivamente, mas de maneira caótica, sem uma instituição centralizadora que certifique uma ordem

específica para o fazer artístico. A paratopia influencia a escolha estética dos enunciados artísticos e a maneira como o sujeito se (des) territorializa em relação às conjunturas culturais de seu tempo.

Dialogamos essa noção com as reflexões sobre territorialidade propostas por Gilles Deleuze e Felix Guattari (2014). Em *Mil Platôs*, os autores observam que, de um lado, há um processo cultural de territorialização, isto é, os espaços sociais são organizados e delimitados, criando territórios definidos, que não se restringem apenas ao espaço físico, mas também a espaços simbólicos, culturais e sociais. A territorialização envolve a criação de limites e a atribuição de significados a esses espaços. Por outro lado, a cultura também oferece ações coletivas de desterritorialização, ou seja, um processo de desestabilização ou dismantelamento dos territórios estabelecidos, representando a ruptura com estruturas fixas e a abertura para novas possibilidades. Compreendemos que os discursos artísticos têm compromissos culturais com a desterritorialização.

Como amostra de pesquisa, selecionamos a animação “O Enterro dos Deuses”, coordenada por Ciberpajé, que utiliza a inteligência artificial generativa *Deep Dream* para a constituição de seus enunciados artísticos. Esta obra exemplifica a interseção entre a paratopia, a desterritorialização e a cultura da poética ciborgue, esclarecendo como a sinergia entre humano e máquina pode gerar novas formas de expressão artística e cultural no século XXI.

A cultura da poética ciborgue

Eagleton (2005) conceitua a cultura com base em uma perspectiva marxista, explorando como o conceito se entrelaça com o desenvolvimento do capitalismo e suas transformações ao longo da história da humanidade. Ele argumenta que a cultura não pode ser dissociada das relações de produção e reprodução material da vida, destacan-

do que as práticas culturais são intrinsecamente ligadas às condições econômicas e sociais de cada época. Essa abordagem permite uma compreensão dinâmica e histórica da cultura, reconhecendo-a como um fenômeno em constante movimento e transformação. Ao adotar essa perspectiva, Eagleton nos convida a refletir sobre como as mudanças nas estruturas econômicas e sociais influenciam e são influenciadas pelas práticas culturais, oferecendo uma visão crítica e abrangente das interações entre cultura e materialidade.

Neste capítulo, temos o objetivo de analisar como as práticas culturais artísticas são impactadas com o avanço tecnológico, econômico e social das Inteligências Artificiais Generativas (IAs). Priorizamos a análise de uma amostra em que o enunciador elabora um discurso artístico híbrido produzido por um humano em colaboração com uma IA, o que pode ser visto como uma manifestação contemporânea polêmica: de um lado, vanguarda, por outro, retrocesso. Obras de arte geradas de forma híbrida por humanos e IA, como pinturas, músicas ou poemas, não apenas refletem as capacidades tecnológicas de nossa era, mas também dialogam com questões econômicas e sociais, como a automação, a ética da criação artística e a redefinição do trabalho humano. Essas práticas artísticas híbridas exemplificam como a cultura está em constante diálogo com as forças materiais e tecnológicas que moldam a vida humana. Elas desafiam as noções tradicionais de autoria e criatividade, propondo novas formas de colaboração e produção cultural. Assim, é produtivo, para essa seção, refletirmos acerca de uma abordagem sobre a cultura artística que implica reconhecer sua natureza histórica e mutável, sempre em diálogo com as forças econômicas e sociais que moldam a vida humana. A arte híbrida, ao integrar elementos humanos e tecnológicos, torna-se um campo fértil para explorar essas dinâmicas e compreender como a cultura se transforma em resposta às inovações e desafios contemporâneos.

Nesse sentido, a perspectiva de cultura apresentada por Eagleton (2005) possibilita uma análise do processo histórico que enfatiza a

natureza dinâmica e mutável dos significados culturais ao longo do tempo. À medida que a história avança, os significados atribuídos aos eventos e práticas culturais também se transformam, refletindo as experiências e percepções dos sujeitos em cada período específico. Dessa forma, a cultura é concebida como um conjunto de práticas sociais concretas, profundamente enraizadas na realidade material e nas condições históricas de cada época e não como uma abstração idealizada e desvinculada do contexto social. A cultura deve ser entendida dentro de um processo contínuo de limites e pressões, onde as práticas são constantemente moldadas e remoldadas pelas forças econômicas, políticas e sociais. Essa visão crítica desafia a noção de cultura como algo estático ou universal, destacando sua natureza contingente e situada. Ao reconhecer a cultura como um campo de luta e negociação, Eagleton nos impulsiona a compreender como as relações de poder e as estruturas sociais influenciam e são influenciadas pelas práticas culturais, revelando a complexa interdependência entre cultura e realidade material.

A arte híbrida exemplifica essa interdependência. Situada na interseção entre tecnologia e criatividade humana, esse tipo de produção não apenas reflete as condições econômicas e sociais de nossa era, mas também desafia e reconfigura essas mesmas condições. Santaella (2022) destaca que a colaboração entre humanos e IA na criação artística levanta questões sobre autoria e propriedade intelectual. Quem detém os direitos sobre uma obra criada conjuntamente por um humano e uma IA? Essa questão desafia as noções tradicionais de autoria e pode levar a uma reavaliação das leis de propriedade intelectual, influenciando as estruturas legais e econômicas que governam a produção cultural.

Contudo, a problemática autoral não é a principal polêmica em torno da disseminação das IAs na vida social. Santaella (2022) observa também que o acesso à tecnologia de IA é desigual no Sul Global, refletindo e exacerbando as desigualdades sociais e econômicas exis-

tentes. Esse contexto motivou a realização do evento *Aproveitando a IA para equidade social e desenvolvimento sustentável*, organizado pelo G20, em abril de 2024, em Brasília. Especialistas em IA da Índia, África do Sul, Brasil e da América Latina debateram acerca dos desafios entorno da busca por superação das desigualdades de infraestrutura para o desenvolvimento da IA em países em desenvolvimento. Para compreendermos a disparidade entre países desenvolvidos e em desenvolvimento no quesito investimentos em IA, o encontro apresentou que o investimento privado em tecnologia atingiu 96 bilhões de dólares em 2023. 70% desse investimento tem origem nos Estados Unidos, China e Reino Unido. Outro cenário que estimulou muitos debates foi o fato de que metade da população mundial não tem acesso a uma internet estável e financiamento significativo para manipular e experienciar as potencialidades dessa ferramenta. Nesse sentido, as práticas culturais da arte híbrida podem ser dominadas por aqueles que têm acesso a recursos tecnológicos avançados, marginalizando artistas de comunidades menos favorecidas. Isso cria uma dinâmica de poder onde a inovação tecnológica pode tanto democratizar quanto concentrar o poder cultural. Ainda, as plataformas digitais e as corporações, que desenvolvem tecnologias de IA, têm um controle significativo sobre o que é produzido e disseminado. Isso pode levar a formas sutis de censura e controle cultural, em que certos tipos de expressão artística são promovidos ou suprimidos de acordo com interesses corporativos ou políticos.

Ademais, também podemos observar que a integração de IA na produção artística pode redefinir o conceito de trabalho na economia criativa. A automação de processos criativos pode tanto liberar os artistas para se concentrarem em aspectos mais conceituais quanto ameaçar seus meios de subsistência. Isso reflete uma tensão entre inovação tecnológica e a preservação de empregos humanos, influenciando as políticas de trabalho e economia. Ainda, compreendemos que a arte híbrida exige novas competências e conhecimentos, tan-

to técnicos quanto criativos. As instituições educacionais precisam adaptar seus currículos para preparar os futuros artistas para trabalhar com IA, o que implica uma transformação nas estruturas educacionais e nos paradigmas de formação artística. Por fim, a colaboração com IA pode expandir as possibilidades de expressão cultural, permitindo a criação de obras, que combinam diferentes tradições e estilos de maneira inédita. No entanto, também pode levar a uma homogeneização cultural, cujas produções artísticas são influenciadas por algoritmos que refletem os vieses e preferências predominantes.

Em face desse cenário, destacamos que a cultura, na perspectiva de Eagleton (2005), é um todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro da sociedade. A cultura abrange todos os aspectos da vida social, que não são geneticamente transmissíveis, enfatizando sua natureza adquirida e compartilhada. Nesse sentido, interessa-nos compreender as práticas culturais inerentes a uma obra de arte híbrida, no que concerne à poética ciborgue, investigando os costumes, ritos e valores que a configuram como uma alternativa inovadora na produção artística contemporânea marcada pela simbiose humano e IA. A poética ciborgue, ao integrar elementos tecnológicos e biológicos, desafia as fronteiras tradicionais entre o humano e o não-humano, propondo novas formas de expressão e interação cultural. Ao explorar essas práticas, objetivamos revelar como essa condição da discursividade artística contemporânea se insere no contexto mais amplo da cultura, refletindo e respondendo às transformações tecnológicas e sociais de nossa era. Assim, buscamos entender de que maneira essas práticas culturais específicas contribuem para a reconfiguração dos modos de vida e das formas de produção artística, oferecendo novas perspectivas e possibilidades para a criação e a experiência estética.

Castro (2014) propõe uma discussão acerca das artes híbridas, ao elaborar uma reflexão crítica entorno de uma poética marcada pela

simbiose entre homem e máquina, explorando a relação intrínseca entre o fazer artístico humano e a tecnologia. A poética ciborgue, expressão adotada pelo autor em seus estudos, nos orienta a refletir acerca de uma redefinição da criação artística e uma mudança na lógica enunciativa dos discursos, especialmente em casos de discursos artísticos produzidos em colaboração entre IA e humanos. Isso implica, nesse sentido, em uma alternativa de o ser humano existir e relacionar-se no mundo, especialmente em face da explosão tecnológica que, dia a dia, modifica o modo como nos relacionamos com a arte. Essa poética não se limita a incorporar a tecnologia como uma ferramenta auxiliar, mas a vê como uma extensão integral do ser humano, em que a máquina e o humano se fundem em um processo criativo contínuo e interdependente. A voz autoral se torna híbrida, mesclando a intencionalidade humana, no caso de nossa amostra de pesquisa, com a capacidade generativa da IA. Isso resulta em discursos artísticos que são co-criados, em que a autoria é compartilhada e a enunciação é um produto de múltiplas agências. A IA contribui com padrões, algoritmos e possibilidades que o humano pode não ter considerado, enquanto o humano guia e refina essas contribuições, criando uma nova forma de expressão que transcende as capacidades individuais de cada parte.

A presença da IA na criação artística descentraliza o sujeito enunciadador do monopólio do sujeito empírico, desafiando a noção tradicional de um autor singular e autônomo. A enunciação dos discursos artísticos se torna um processo colaborativo e distribuído, onde a identidade do autor é diluída em um fluxo contínuo de interação entre humano e máquina. A poética ciborgue permite refletirmos acerca da exploração de novas formas de linguagem e expressão, combinando a criatividade humana com a capacidade de processamento de dados da IA. A enunciação dos discursos artísticos incorpora elementos, que podem incluir, desde a geração automática de texto e imagem, até a manipulação de grandes volumes de dados cul-

turais. Essa complexidade oferece novas camadas de significado e interpretação do discurso artístico. Castro (2014) observa que a poética ciborgue desafia as fronteiras tradicionais entre o natural e o artificial, propondo uma nova ontologia em que a tecnologia não é apenas um meio, mas parte integrante da experiência artística.

Nesse contexto, a arte híbrida emerge como um campo fértil para a experimentação e inovação, onde a relação entre o fazer artístico humano e a tecnologia não é apenas instrumental, mas simbiótica. A tecnologia não apenas amplia as capacidades humanas, mas também transforma a própria natureza do que significa ser humano. A poética ciborgue nos possibilita refletir sobre alternativas para novas expressões de nossa subjetividade, em que a identidade e a criatividade são constantemente renegociadas em um diálogo contínuo com as máquinas. Em face disso, compreendemos que a arte híbrida pode proporcionar uma reelaboração do Real, à luz da perspectiva lacaniana.

É através da linguagem que o sujeito se desdobra, e é na busca por uma elaboração do inconsciente que a noção de Real se torna evidente. O Real, em Lacan (1998), é aquilo que escapa à simbolização, o que não pode ser completamente capturado pela linguagem. É o impossível de ser dito, o que permanece fora do alcance do simbólico e do imaginário. O Real é, portanto, uma dimensão que desafia a compreensão e a articulação linguística, representando o limite da experiência humana.

No *Seminário XI*, Lacan (1998) explora como o inconsciente e o Real se entrelaçam na constituição do sujeito. O inconsciente, ao ser estruturado como uma linguagem, revela a presença constante do Real como aquilo que resiste à simbolização. O sujeito, ao tentar elaborar seu inconsciente, confronta-se inevitavelmente com o Real, que se manifesta como lacunas, falhas e rupturas no discurso. A relação entre o inconsciente e o Real é, portanto, uma relação de tensão e complementaridade. O inconsciente busca articular o que é recalca-

do, enquanto o Real representa o que permanece inarticulado. Esta dinâmica é fundamental para a compreensão do sujeito em Lacan (1998), pois revela a complexidade da experiência humana, onde a linguagem e o desejo se encontram com o limite do inefável.

Para localizar o Real, Lacan (1998) introduz os conceitos de *tichê* e *automaton* como mecanismos fundamentais. Esses conceitos são essenciais para compreender como o sujeito se depara com o Real, uma dimensão que escapa à simbolização e à representação completa. *Tichê* é um termo que Lacan (1998) utiliza para descrever o encontro contingente com o Real. Este encontro é caracterizado por sua imprevisibilidade e por sua capacidade de interromper a cadeia de significantes que estrutura o inconsciente. O Real, nesse contexto, é aquilo que irrompe de forma inesperada, desafiando a ordem simbólica e revelando a falha inerente ao sistema de significação. O *tichê* é, portanto, o momento de ruptura, onde o sujeito se confronta com algo que não pode ser completamente assimilado ou representado pela linguagem.

Por outro lado, *automaton* refere-se à repetição automática dos signos dentro da cadeia de significantes. Este conceito está ligado ao funcionamento do inconsciente, que opera de maneira automática, seguindo o princípio do prazer. O *automaton* é a insistência dos significantes em se repetirem, criando padrões e regularidades que estruturam a experiência do sujeito. Esta repetição é governada pelo princípio do prazer, que busca evitar o desprazer e manter a homeostase psíquica. Lacan (1998) compreende que é precisamente na repetição automática do *automaton* que o *tichê* pode surgir. A insistência dos significantes cria uma expectativa de continuidade e previsibilidade, mas o encontro com o Real interrompe essa cadeia, introduzindo o inesperado e o contingente. O Real, assim, se manifesta como aquilo que não pode ser previsto ou controlado pelo *automaton*, revelando a limitação do princípio do prazer em lidar com o que é verdadeiramente traumático e disruptivo.

Ambos os conceitos ilustram a dinâmica entre o inconsciente e o Real. O inconsciente, estruturado como uma linguagem, opera através do *automaton*, repetindo significantes e criando uma rede de significações que busca manter a estabilidade psíquica. No entanto, o Real, como *tichê*, irrompe essa rede, introduzindo o elemento de surpresa e desordem que desafia a simbolização. A interação entre *tichê* e *automaton* é crucial para a compreensão do sujeito em Lacan (1998). O sujeito é constantemente confrontado com o Real, que se manifesta como rupturas e falhas na cadeia de significantes. Estas rupturas são momentos de crise, onde o sujeito é forçado a lidar com o que não pode ser simbolizado ou integrado na ordem simbólica. O Real, portanto, é uma presença constante que desafia a completude e a coerência do sistema de significação. O *tichê* representa o encontro contingente e disruptivo com o Real, enquanto o *automaton* descreve a repetição automática dos significantes no inconsciente. A interação entre esses conceitos revela a complexidade da experiência psíquica, na qual a ordem simbólica é constantemente desafiada pelo que escapa à simbolização.

A arte híbrida, realizada pela colaboração entre IA e humanos, pode oferecer novas perspectivas sobre o alcance da linguagem em significar o Real. A interação simbiótica pode ser vista como uma alternativa para a reelaboração da subjetividade humana, uma vez que a introdução da IA na criação artística expande o repertório de significantes disponíveis para o sujeito. A IA pode gerar novos padrões, metáforas e narrativas, que enriquecem o campo simbólico, permitindo a exploração de temas e conceitos de maneiras inéditas. Essa expansão reflete uma subjetividade que é simultaneamente humana e tecnológica. Ainda, a colaboração com IA pode possibilitar aos artistas explorarem ainda mais desdobramentos de si mesmos, integrando perspectivas e capacidades que vão além do humano. Essa dinâmica nos leva a investigar a possibilidade de uma subjetividade híbrida, em que a identidade é co-construída em um processo dialógico com a

máquina, desafiando as noções tradicionais de individualidade e autonomia. Na poética ciborgue, a subjetividade humana é transformada pela interação contínua com a tecnologia. A IA, ao participar do processo criativo, introduz novos elementos simbólicos, que podem expandir os limites da identidade e da criatividade humanas.

A perspectiva articulada por Castro (2014) sobre a poética ciborgue nos convida a refletir sobre como a tecnologia permite novas formas de interação sensorial e cognitiva, expandindo os limites do que é possível experimentar e expressar. A arte híbrida, nesse sentido, não é apenas uma extensão das capacidades humanas, mas uma transformação radical da maneira como percebemos e nos envolvemos com o mundo. A tecnologia já permite a criação de experiências sensoriais que vão além das limitações humanas naturais. Por exemplo, a realidade aumentada (AR) e a realidade virtual (VR) podem criar ambientes imersivos que envolvem múltiplos sentidos simultaneamente, proporcionando uma experiência estética mais rica e complexa. No caso de nossa amostra de pesquisa, a arte híbrida em questão pode induzir formas de sinestesia, nas quais o estímulo de um sentido provoca experiências em outro. A IA pode gerar composições que combinam som, imagem e movimento que, coordenada por um artista, pode alcançar potencial de vanguarda em seu tempo, criando uma experiência sensorial integrada que desafia as fronteiras tradicionais entre os sentidos. Isso significa que, na simbiose humana, algoritmos de aprendizado de máquina podem gerar padrões e associações, que não seriam intuitivos para a unidade humana, abrindo novas possibilidades para a exploração estética e intelectual.

Castro (2014) lança luz sobre a necessidade de se enxergar que a tecnologia não apenas possibilitou, mas continua a possibilitar o surgimento de novas linguagens visuais, que trazem à tona diferentes formas de leitura e fruição estética. Essas novas linguagens exigem uma abertura emocional e mental dos leitores e espectadores, que passam a interagir com a arte de maneira mais direta e imersiva. A

poética ciborgue nos permite compreender os caminhos percorridos pelo ser humano até se tornar um ciborgue: um sujeito potenciado pela sinergia com a máquina. Essa transformação não apenas marca a dinâmica do processo criativo, mas também as características poéticas das imagens e obras assim obtidas.

Em suma, o artista ciborgue é aquele que busca um novo tipo de relacionamento consigo mesmo e com seu leitor, utilizando a tecnologia para reconstruir e reinventar os transcódigos que cada discurso transporta. Castro (2014) compreende que esses transcódigos são sistemas de significação, que aguardam ser decifrados e reinterpretados por cada leitor, criando uma experiência estética única e personalizada. A interação entre o enunciador e seu público é, portanto, uma dança contínua de significados, na qual a tecnologia serve como mediadora e amplificadora dessa troca. As artes digital e híbrida parecem romper com as limitações físicas dos meios analógicos, introduzindo conceitos como interatividade, virtualidade e simulação. A poética, nesse novo contexto, torna-se um campo de experimentação onde o artista pode manipular dados, algoritmos e interfaces para criar experiências estéticas inovadoras, circum-navegando em diferentes territórios, como refletimos na seção seguinte.

Paratopia e (des)(re)territorialização nas práticas artísticas ciborgues

A poética ciborgue impõe a urgência de um enunciador artista simbiótico, que ocupa uma posição paratópica, conforme delineada por Maingueneau (2014), e desterritorializa as formas tradicionais de agenciamento do enunciador e da enunciação artística, conforme a perspectiva de Deleuze & Guattari (2014). Este enunciador, ao ocupar um lugar paratópico, transcende as fronteiras convencionais da cria-

ção artística, operando em um espaço de intersecção entre o humano e o tecnológico. A IA emerge como ponto de entrada a um território híbrido, um *locus* de respostas prontas e dinâmicas, que se configura também como uma extensão do artista na captura e registro de subjetividades fluidas e múltiplas. Nesse contexto, exploramos a categoria de paratopia proposta por Maingueneau (2014), e sua relação intrínseca com a noção de territorialização em Deleuze & Guattari (2014), evidenciando como a poética ciborgue reconfigura as regras da enunciação artística e expande os horizontes da criação contemporânea.

Maingueneau (2014) considera que a enunciação artística desestabiliza a representação tradicional de um lugar, algo dotado de um dentro e um fora institucional. No caso da poética ciborgue, os discursos artísticos impõem uma questão crucial: qual é o lugar que o humano ocupa em uma arte simbiótica? A poética ciborgue desafia as fronteiras entre o humano e o tecnológico, propondo uma nova ontologia onde a tecnologia não é apenas um meio, mas parte integrante da experiência artística. A arte, ao operar nas fronteiras, desestabiliza o que há muito tempo foi considerado estável nas práticas sociais: as atividades humanas realizadas por elas mesmas. Com a poética ciborgue, tratar sobre a coisa humana implica uma enunciação compartilhada, em que a responsabilidade enunciativa é diluída em um fluxo contínuo de interação entre humano e máquina. Isso reflete uma mudança paradigmática na forma como entendemos a enunciação artística. Ao desestabilizar a representação institucional de um lugar, os enunciados artísticos abrem espaço para novas formas de pertencimento e identidade. Isso significa que a poética ciborgue questiona e redefine o que é humano e o que é elevado a um outro lugar, ainda em aceitação e negociação na prática social de outras instituições, que não a arte. A arte, nesse contexto, serve como ponto de partida para desestabilizar essas fronteiras, problematizando e experimentando novas formas de interação e expressão. A enunciação ciborgue integra a tecnologia como parte essencial da experiência ar-

tística, criando um espaço de interação e negociação contínua, onde o humano e o tecnológico coexistem de maneira indissociável.

É o caso do curta-metragem de ficção científica “Sunspring”, projeto fruto de uma parceria entre o cineasta Oscar Sharp e o especialista em redes neurais Ross Goodwin. O projeto exemplifica essa desestabilização, ao deslocar o humano do centro da criação artística. Com o ator Thomas Middleditch, conhecido por seu papel em “Silicon Valley”, o filme foi inteiramente escrito por uma IA chamada Jetson, também conhecida como “Benjamin”. Além disso, a trilha sonora do curta foi criada pelo algoritmo e interpretada pela dupla Andrew James & The Steady Tiger, reforçando a integração entre tecnologia e arte. Para criar o roteiro de “Sunspring”, Ross Goodwin alimentou uma rede neural com roteiros de filmes icônicos como “Highlander”, “Ender’s Game”, “Interestelar”, “O Quinto Elemento” e “Os Caça-Fantasmas”. Em seguida, instruiu o computador a gerar um roteiro baseado nos argumentos selecionados pelo Festival de Curtas-Metragens de Ficção Científica de Londres. A obra resultante questiona a noção de autoria e originalidade, tradicionalmente atribuídas ao gênio humano, ao revelar que algoritmos podem participar do processo criativo artístico. A produção de “Sunspring” possibilita a reflexão de uma nova configuração do campo artístico, onde a inteligência artificial não apenas participa, mas também redefine os parâmetros da criatividade e da expressão, promovendo uma reavaliação crítica do que significa ser humano na era digital. Ao integrar a IA em múltiplos aspectos da produção, “Sunspring” não só desafia as concepções tradicionais de autoria, mas também expande os limites do que é possível na interseção entre tecnologia e arte, subvertendo as expectativas e abrindo novas possibilidades para a criação artística.

Em face disso, compreendemos que os meios artísticos são fronteiras, o que nos leva a refletir que a existência social da arte supõe, na perspectiva de Maingueneau (2014), ao mesmo tempo a impossibilidade de ela se fechar em si mesma e a de se confundir com a

sociedade comum. A arte, ao operar nas fronteiras, mantém-se em um estado de constante negociação e redefinição, alimentando-se de lugares, grupos e comportamentos que não podem ser plenamente contidos pelas estruturas sociais estabelecidas. No caso da poética ciborgue, essa noção de fronteira é expandida ainda mais, integrando não apenas o profissional artista, mas também outros profissionais de diversas áreas para a produção de uma enunciação artística híbrida. Programadores, engenheiros da informação, roteiristas e artistas plásticos são alguns dos agentes que colaboram na criação do produto enunciativo final: a arte híbrida. Essa colaboração interdisciplinar desestabiliza as fronteiras tradicionais da arte, estabelecendo novas conexões com áreas da ciência e da tecnologia que outrora não faziam parte do campo artístico. A revolução que a poética ciborgue propõe na enunciação artística reside na capacidade de integrar conhecimentos e habilidades de diferentes campos, criando um espaço de interação e negociação contínua. A engenharia da informação, a programação e o conhecimento crítico artístico se tornam componentes essenciais na criação de obras de arte que não apenas desafiam as fronteiras entre o humano e o tecnológico, mas também entre as disciplinas acadêmicas e profissionais. Essa integração promove uma enunciação artística que é, ao mesmo tempo, colaborativa e distribuída, refletindo a complexidade e a interconectividade do mundo contemporâneo.

Nesse sentido, as reflexões acerca da territorialização e desterritorialização propostas por Deleuze & Guattari (2014) nos auxiliam a compreender as nuances dessa operação fronteiriça das IAs no campo da arte. A noção de território, segundo os filósofos, é entendida como aquilo que delimita e articula ontologicamente os seres humanos. O território pode ser relativo a um espaço vivido, ou a um sistema de coerções, de regras, de normalizações que apropria a subjetivação. Ele é constituído por um conjunto de projetos e representações, uma

série de comportamentos, de investimentos recorrentes em espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos. Nesse sentido, o campo da arte, embora estabeleça-se sempre nas fronteiras com outros campos de atividades culturais, possui um território em constante concorrência e transformação. As regras que determinam o que é considerado uma boa arte são constantemente revisitadas e revisadas, refletindo a dinâmica intrínseca do campo artístico. O território da arte, portanto, é um agenciamento, uma configuração temporária e mutável de elementos que podem ser continuamente reconfigurados. Como tudo que pode ser agenciado, o território da arte também pode ser desterritorializado e reterritorializado, ou seja, pode ser desfeito e refeito em novas formas e contextos.

A introdução das IAs na criação artística exemplifica esse processo de desterritorialização e reterritorialização. As IAs, ao participarem do processo criativo, desestabilizam as fronteiras tradicionais do campo artístico, introduzindo novas formas de subjetivação e expressão. A presença da IA na arte não apenas amplia o território artístico, mas também o redefine, criando novas possibilidades de interação e colaboração entre humanos e máquinas. Esse processo de desterritorialização implica a quebra de normas e convenções estabelecidas, permitindo a emergência de novas práticas e discursos artísticos. A desterritorialização promovida pela IA no campo da arte pode ser vista como uma expansão das fronteiras do território artístico, incorporando elementos de outras disciplinas, como a ciência da computação, a engenharia de software e a análise de dados. A reterritorialização, por sua vez, ocorre quando esses novos elementos e práticas são assimilados e integrados ao campo artístico, criando novas formas de expressão e subjetivação. A arte ciborgue, por exemplo, negocia o pertencimento a um território onde a tecnologia passe a ser vista, de forma legítima, como uma parte integrante da experiência artística. A colaboração entre humanos e máquinas na criação artística, resultando em um discurso híbrido, ainda não é plenamente

aceito e absorvido no campo da arte.

Deleuze & Guattari (2014) propõem dois tipos de agenciamentos associados à dinâmica de territorialização e desterritorialização: os agenciamentos coletivos de enunciação e os agenciamentos maquínicos de corpos. Os agenciamentos maquínicos de corpos correspondem a máquinas sociais, a corpos que, no laço social, se territorializam, desterritorializam e reterritorializam-se. No contexto da arte híbrida, o sujeito enunciador desse tipo de discurso é um corpo fronteiriço transumano que ainda negocia o pertencimento a um território. Esse corpo é constituído por uma pluralidade de fragmentos de corpos legítimos no laço social, representando as engrenagens sociais em funcionamento. A arte híbrida, ao incorporar elementos tecnológicos e humanos, cria um sujeito enunciador que é simultaneamente múltiplo e fragmentado, refletindo a complexidade das interações sociais contemporâneas. Essa configuração levanta questões cruciais sobre a ética, o lugar e o alcance desse corpo híbrido e ciborgue que produz enunciados artísticos. Quais são as implicações éticas de um sujeito enunciador que é, por natureza, híbrido e desterritorializado? Como esse corpo ciborgue negocia seu pertencimento a diferentes territórios sociais e culturais? E, mais importante, quais territórios do laço social ele reelabora e transforma através de sua prática artística?

Os agenciamentos coletivos de enunciação, por sua vez, remetem à qualidade dos enunciados, ao regime de signos compartilhados, a um estado de palavras e símbolos no campo da expressão. No contexto da poética ciborgue, surge a questão do potencial artístico dos enunciados produzidos por essa nova dinâmica de construção enunciativa. A mobilização simbiótica entre humano e máquina reflete quais estados de palavras e símbolos, essenciais à expressão artística? Quais são os ganhos e perdas nessa dinâmica de desterritorialização e reterritorialização dos enunciados agenciados? A poética ciborgue, ao integrar a tecnologia como parte essencial do processo criativo, desafia e expande os regimes de signos tradicionais. Os enunciados

produzidos nesse contexto são o resultado de uma colaboração contínua entre humanos e máquinas, criando novas formas de expressão que transcendem as limitações dos discursos tradicionais. Essa dinâmica simbiótica permite a exploração de novas possibilidades artísticas, onde a criatividade humana é potencializada pela capacidade de processamento e análise de dados das máquinas. No entanto, essa integração também levanta questões sobre a autenticidade e a originalidade dos enunciados artísticos. Até que ponto os enunciados produzidos por essa colaboração híbrida podem ser considerados genuinamente artísticos? E quais são as implicações dessa nova forma de enunciação para a compreensão e valorização da arte? Nesse sentido, a poética ciborgue representa uma reconfiguração radical dos territórios do laço social e dos regimes de signos no campo da arte. A desterritorialização e a reterritorialização dos enunciados agenciados refletem uma transformação contínua das fronteiras entre o humano e o tecnológico, criando novas formas de subjetivação e expressão artística.

Contribui para um olhar sobre a territorialização e a desterritorialização da arte híbrida as reflexões das produções enquanto discurso constituinte. Maingueneau (2014) observa que a arte não pode de fato pertencer plenamente ao espaço social, mantendo-se nas fronteiras entre a inscrição em seus funcionamentos tópicos e o abandono a forças que excedem por natureza toda economia humana. A arte, ao operar nessas fronteiras, desafia as delimitações tradicionais e se mantém em um estado de constante negociação e redefinição. Na poética ciborgue, o que torna o discurso constituinte é a confluência de forças para a consolidação de um sujeito-enunciador híbrido capaz de parasitar lugares e fronteirizar espaços. Esse sujeito-enunciador híbrido é o resultado da colaboração interdisciplinar, onde as fronteiras entre arte, ciência e tecnologia são continuamente negociadas e redefinidas. A arte ciborgue, ao integrar elementos de diversas áreas, cria um espaço de interação e negociação contínua, onde o humano

e o tecnológico coexistem de maneira indissociável. Essa hibridização e desterritorialização promovem uma nova forma de enunciação artística, onde a identidade do autor é diluída em um fluxo contínuo de interação entre diferentes agentes. Assim, a enunciação artística ciborgue não apenas redefine o papel dos profissionais envolvidos, mas também transforma a própria natureza da arte, propondo uma visão onde as fronteiras entre disciplinas são continuamente expandidas e reconfiguradas. A poética ciborgue, ao integrar a tecnologia como parte essencial da experiência artística, cria um espaço de inovação e experimentação, onde o discurso artístico é constantemente renovado e enriquecido pela confluência de diferentes saberes e práticas.

Análise de uma produção artística ciborgue

Para a análise deste capítulo, selecionamos como amostra de pesquisa o projeto musical liderado por Edgar Franco, conhecido artisticamente como Ciberpajé, intitulado *O Enterro dos Deuses*. Este videoclipe resulta da musicalização de aforismos gravados com a voz de Ciberpajé, acompanhada por músicos de diversas bandas de heavy metal e rock experimental com quem o autor tem trabalhado nas últimas décadas. Segundo Franco (2024a),

O Enterro dos Deuses tem como marco seu pioneirismo brasileiro na utilização da tecnologia Deep Dream, uma forma de inteligência artificial e rede neural que altera padrões identificados em imagens digitais, reorganizando-as para que sejam identificadas pelo olho humano, e gerando assim efeitos que remontam experiências visuais psicodélicas.

A tecnologia *Deep Dream Generator*, empregada para selecionar os materiais brutos na construção do videoclipe é uma ferramenta de IA, que facilita a geração rápida e fácil de imagens únicas e de alta

qualidade. Esta ferramenta oferece recursos avançados como *Text 2 Dream*, *Deep Style* e *Deep Dream*, além de possibilitar a criação de arte psicodélica e abstrata. Embora algumas funcionalidades exijam conhecimento técnico, a interface é intuitiva. O *Deep Dream Generator* pode ser utilizado em diversas áreas, como marketing digital, design de produtos e arte digital. A plataforma também possui uma versão gratuita, embora com algumas limitações.

O videoclipe possui uma duração aproximada de 3 minutos e 30 segundos. O trabalho audiovisual combina imagens de um deserto de areia e uma pirâmide hermética, acompanhadas pela recitação do aforismo '*Quando todos os deuses forem enterrados com seus pretensos livros sagrados, a humanidade despertará. A empatia e o amor reinarão na pós-humanidade!*' composto pelo próprio Ciberpajé, como podemos identificar nos *frames* em destaque abaixo, em Franco (2024):



O aforismo serve como o núcleo conceitual do vídeo, propondo uma visão utópica de uma nova era de pós-humanidade, livre de antigas crenças e guiada por valores universais, sugerindo uma crítica às estruturas religiosas tradicionais e uma esperança de renovação ética e emocional. A combinação de imagem, som e texto em *O Enterro dos Deuses* cria uma narrativa experimental, que convida o co-enunciador a refletir sobre a evolução da consciência humana e a possibilidade de uma transcendência para a empatia e o amor. O vídeo propõe uma crítica às estruturas religiosas tradicionais e uma

visão de renovação ética e emocional, sugerindo que a humanidade pode alcançar um estado de maior empatia e amor, ao abandonar antigas crenças dogmáticas. A trilha sonora, composta por elementos de heavy metal e rock experimental, contribui para a criação de uma atmosfera contemplativa. Tomando o aforismo como ponto de partida, compreendemos que o deserto pode simbolizar a vastidão e a aridez de um mundo desprovido de antigas crenças e dogmas. A paisagem desértica sugere um espaço de transição e transformação, onde o antigo é abandonado, permitindo a emergência de novas formas de pensamento e existência. A pirâmide, por sua vez, remete às estruturas monumentais do Egito, simbolizando um túmulo cósmico para os deuses e suas narrativas sagradas. Este ícone serve como um marcador de encerramento e renascimento, indicando o fim de uma era e o início de outra. A pirâmide, portanto, é um símbolo de transformação e de novos começos.

A música heavy metal e rock experimental intensifica a experiência sensorial do vídeo, criando uma sensação de urgência e profundidade. Os elementos sonoros somados aos recursos visuais que remetem às cenas artístico-musicais dos anos 1970, do rock psicodélico, reforçam a mensagem de ruptura e transformação, evocando emoções que complementam a enunciação do aforismo. A voz de Ciberpajé, carregada de gravidade e intenção, guia o co-enunciador pela narrativa, enfatizando a importância do despertar da humanidade e a ascensão de novos valores como empatia e amor. A recitação adiciona uma camada de profundidade e significado ao vídeo, conectando os elementos visuais e sonoros a uma mensagem filosófica central. A relação entre imagem, som e texto no vídeo *O Enterro dos Deuses* é cuidadosamente orquestrada para criar uma experiência estética e reflexiva. Cada elemento contribui para a construção de uma narrativa que questiona o passado e propõe uma nova visão para o futuro da humanidade.

Para operacionalizar a análise, inicialmente refletimos sobre o agenciamento maquínico de corpos, considerando que a forma como Ciberpajé se apresenta como enunciador artístico da amostra selecionada remete a um corpo transumano. Em sua obra *Os Aforismos de Ciberpajé*, destacamos a maneira como o autor apresenta-se em sua biografia:

Edgar Franco é o ciberpajé, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, mago psicopata pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nacionais nas áreas de quadrinhos, artes visuais, arte e tecnologia, e ficção científica como o Prêmio Rumos Arte e Tecnologia - Itaú Cultural (2003), o Troféu Bigorna de melhor HQ de Aventura / FC (2010), a Medalha Frei Confaloni de Artes Visuais (UBE-GO, 2019), o Prêmio Argos de Literatura Fantástica (2021) e o Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional (2022). (Franco, 2024b, pp. 271 - 272).

Observamos que o enunciador Edgar Franco se apresenta, neste e em outros discursos, como um artista experimental, um ser em constante transmutação, sintetizado pela personificação de uma natureza mutante e fluida do Cosmos. Esta descrição já sugere um corpo fronteiro e transumano, que se desterritorializa e reterritorializa continuamente a cada produção artística. Ciberpajé se define como um *ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação*, autoidentificação que remete diretamente à ideia de um corpo transumano, que ultrapassa as fronteiras do humano tradicional, para incorporar elementos de transformação contínua, a fim de otimizar-se. Este corpo não se fixa em um território específico, mas está sempre em movimento, negociando seu pertencimento a diferentes contextos socio-

culturais. Paratópico, Ciberpajé destaca-se por operar no centro e nas fronteiras, no trânsito das diversas áreas artísticas como quadrinhos, artes visuais, arte e tecnologia, e ficção científica. Esta pluralidade de práticas artísticas representa a incorporação de fragmentos de diferentes corpos legítimos no laço social para a constituição de um todo-complexo que se desterritorializa e reterritorializa constantemente nos diversos espaços artísticos. Cada prêmio e reconhecimento recebido por Franco (Prêmio Rumos Arte e Tecnologia - Itaú Cultural, Troféu Bigorna, Medalha Frei Confaloni, Prêmio Argos, Troféu Angelo Agostini) simboliza uma engrenagem social em funcionamento, que contribui para a constituição de seu corpo híbrido.

Em nossa amostra de pesquisa, o enunciador Ciberpajé é a confluência de um corpo híbrido e simbiótico, composto por ele mesmo, os músicos que atuam em suas composições há décadas e a IA *Deep Dream*. Em face disso, consideramos que estamos diante de um enunciador transumano ciborgue. O transumanismo, na perspectiva de Dodsworth (2024) surge como movimento intelectual, científico e cultural que defende o uso da ciência e da tecnologia para melhorar as capacidades físicas e cognitivas dos seres humanos, com o objetivo de transcender as limitações biológicas e alcançar um estado pós-humano. Há, nas reflexões entorno do transumanismo, uma oportunidade para a humanidade superar suas limitações naturais e alcançar novos patamares de existência. Acredita-se que a biotecnologia, as IAs e outras inovações tecnológicas podem proporcionar avanços significativos na saúde, na longevidade e na qualidade de vida. A possibilidade de erradicar doenças, prolongar a vida e aumentar as capacidades cognitivas são vistas, dentro das fronteiras desse movimento, como conquistas desejáveis, que podem beneficiar a humanidade como um todo. A arte híbrida de Ciberpajé, que integra elementos tecnológicos e humanos, pode ser um exemplo de como a arte parasita um território em face das possibilidades transumanas. Sua prática artística reflete a complexida-

de das interações sociais contemporâneas, na qual o corpo do artista é uma interface de múltiplas influências e agenciamentos. A descrição de Ciberpajé como *magô psicopata pronto a experimentar a novidade* enfatiza sua abertura para novas experiências e sua disposição no movimento de desterritorializar-se e reterritorializar-se em novos contextos a cada produção artística. Como um artista transmídia, ele negocia seu pertencimento a diferentes territórios sociais e culturais, reconfigurando e transformando esses espaços através de sua prática artística. A ênfase no *agora*, como o único momento existente, sugere uma abordagem ética focada na experiência presente e na constante reinvenção. Em suma, o agenciamento de Ciberpajé, conforme descrito em sua biografia, exemplifica a complexidade e a fluidez dos corpos híbridos na arte contemporânea.

Em um segundo momento desta análise, tomando como ponto de partida os agenciamentos coletivos de enunciação, dedicamo-nos à análise do aforismo *Quando todos os deuses forem enterrados com seus pretensos livros sagrados, a humanidade despertará. A empatia e o amor reinarão na pós-humanidade!*, recitado no videoclipe selecionado como amostra de nossa pesquisa. O aforismo utiliza um regime de signos e pode ser amplamente reconhecível e compartilhável em diversos territórios culturais. Termos como *deuses*, *livros sagrados*, *humanidade*, *empatia* e *amor* são carregados de historicidade e repertório simbólico. A referência do enunciador aos *deuses* e *livros sagrados* evoca uma crítica às estruturas religiosas tradicionais, enquanto *empatia* e *amor* são apresentados como valores centrais de uma nova era, a *pós-humanidade*. O estado das palavras e símbolos no aforismo de Ciberpajé reflete uma transição entre o antigo e o novo, o humano e o pós-humano. A expressão *enterrados com seus pretensos livros sagrados* sugere uma rejeição das antigas narrativas e dogmas, enquanto *a humanidade despertará* indica um renascimento ou uma nova forma de consciência. *Empatia* e *amor* são elevados a estados ideais de

expressão na pós-humanidade, simbolizando uma evolução ética e emocional.

O aforismo promove uma desterritorialização dos enunciados tradicionais ao questionar e subverter as narrativas religiosas e dogmáticas. Ao enterrar os “*deuses*” e seus “*livros sagrados*”, o enunciado se liberta das antigas territorializações de sentido. A reterritorialização ocorre na *pós-humanidade*, onde novos valores como *empatia* e *amor* são estabelecidos como fundamentos. A dinâmica da enunciação não pode ser tomada isoladamente, sem o jogo de imagens e sons, que reflete a transformação contínua das fronteiras entre o humano e o tecnológico, criando formas de construção de sentidos à expressão artística. No contexto da poética ciborgue, o aforismo de Ciberpajé é amplificado pelas imagens que remetem a uma experiência psicodélica, o que exemplifica como a integração entre humano e máquina pode expandir os regimes de signos para um universo semiótico com um potencial semântico intersubjetivo, isto é, que o enunciador busca na atuação do coenunciador a construção de sentido para enunciados abertos.

Os enunciados de Ciberpajé reconfigura e transforma os signos estabelecidos, criando novas formas de expressão que tomam o artístico como um convite para a imersão intersubjetiva. O aforismo levanta questões éticas sobre a rejeição das antigas narrativas e a construção de novos valores. A desterritorialização dos *deuses* e *livros sagrados* sugere uma ruptura com o passado, enquanto a reterritorialização na *pós-humanidade* propõe uma nova ética baseada na empatia e no amor. O significado de *amor*, *deuses*, *livros sagrados*, fica por conta do coenunciador. A poética ciborgue, exemplificada pelo jogo entre o aforismo e as imagens psicodélicas, auxilia no movimento de desterritorialização dos laços semânticos que sustentam os signos selecionados. Nesse sentido, O aforismo de Ciberpajé pode ser analisa-

do sob a perspectiva dos conceitos lacanianos de *tichê* e *automaton*, destacados anteriormente.

Os *deuses* e seus *pretensos livros sagrados* podem ser vistos como representações dos significantes que estruturam a ordem simbólica e a repetição automática das crenças e dogmas que governam a experiência humana. Esses elementos são parte da cadeia de significantes que cria uma sensação de continuidade e previsibilidade na vida dos sujeitos. O *enterro* desses deuses e livros sagrados, por sua vez, simboliza um momento de ruptura, um encontro contingente com o Real. Este ato de enterrar representa a interrupção da cadeia de significantes, desafiando a ordem simbólica e revelando a falha inerente no sistema de significação que esses deuses e livros representam.

Na mesma lógica, o *despertar* da humanidade pode ser interpretado como o resultado do encontro com o Real. Ao enterrar os deuses e seus livros, a humanidade se confronta com algo que não pode ser completamente assimilado ou representado pela linguagem, levando a um despertar que é, em essência, um reconhecimento da falha e da limitação do sistema simbólico. Este despertar implica uma ruptura com a repetição automática dos significantes, permitindo que novos significantes e novas formas de experiência emergjam. A humanidade, ao despertar, se liberta da repetição automática e abre espaço para a contingência e a novidade. A ascensão da empatia e do amor na pós-humanidade pode ser vista como uma resposta ao encontro com o Real. Ao reconhecer a falha no sistema de significação e a limitação do princípio do prazer, a humanidade pode desenvolver novas formas de relação baseadas na empatia e no amor, que transcendem as antigas estruturas simbólicas. A pós-humanidade, então, representa um estado onde a repetição automática dos significantes é superada, e novas formas de significação, baseadas em valores universais como empatia e amor, podem emergir. Este novo estado é caracterizado pela capacidade de lidar com o que é verdadeiramente traumático e

disruptivo, sem recorrer à repetição automática que busca evitar o desprazer.

Considerações finais

Por fim, destacamos ao término deste capítulo como obras de arte geradas de forma híbrida por humanos e IA, como pinturas, músicas ou poemas, não apenas refletem as capacidades tecnológicas de nossa era, mas também dialogam com questões econômicas e sociais, como a automação, a ética da criação artística e a redefinição do trabalho humano. Essas práticas artísticas híbridas exemplificam como a cultura está em constante diálogo com as forças materiais e tecnológicas que moldam a vida humana.

O cenário atual estimula muitos debates, principalmente, quando consideramos que parte da população mundial não tem acesso a uma internet estável e financiamento significativo, para manipular e experimentar as potencialidades dessa ferramenta. Nesse sentido, as práticas culturais da arte híbrida, embora seja um caminho para experiências estéticas, também podem ser monopolizadas por quem tem acesso exclusivo a recursos tecnológicos avançados, marginalizando artistas de comunidades menos favorecidas. Isso cria uma dinâmica de poder em que a inovação tecnológica pode tanto democratizar quanto concentrar o a expressão artística.

A contribuição da poética ciborgue nos orienta a refletir acerca de uma redefinição da criação artística e uma mudança na lógica enunciativa dos discursos artísticos, especialmente aqueles produzidos em colaboração entre IA e humanos. Isso implica, nesse sentido, em uma alternativa de o ser humano existir e relacionar-se no mundo, especialmente em face da explosão tecnológica que, dia a dia, modifica o modo como nos relacionamos com a arte. Essa poética não se limita a incorporar a tecnologia como uma ferramenta auxiliar, mas

a vê como uma extensão integral do ser humano, onde a máquina e o humano se fundem em um processo criativo contínuo e interdependente.

A introdução das IAs na criação artística exemplifica um processo de desterritorialização e reterritorialização inerente à função social dos discursos artísticos. As IAs, ao participarem do processo criativo, desestabilizam as fronteiras tradicionais do campo artístico, introduzindo novas formas de subjetivação e expressão. A presença da IA na arte não apenas amplia o território artístico, mas também o redefine, criando novas possibilidades de interação e colaboração entre humanos e máquinas. Esse processo de desterritorialização implica a quebra de normas e convenções estabelecidas, permitindo a emergência de novas práticas e discursos artísticos.

Referências

- CASTRO, E. M. de Melo e. *Poética ciborgue: antologia de textos sobre tecno-poiesis*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad.: Ana Lucia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DODSWORTH, Alexey. *Transumanismo: uma visão otimista sobre o progresso?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yj0V-3Jz6aJw>. (5m54s). Acesso em: 19 de ago. 2024.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: UNESP, 2005.
- FRANCO, Edgar. *O enterro dos deuses*: videoclipe do Ciberpajé é um dos pioneiros no mundo a utilizar a rede neural Deep Dream. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/2020/01/lancamento-o-enterro-dos-deuses.html>. Acesso em: 19 de ago. 2024a.

- FRANCO, Edgar. *Os aforismos do Ciberpajé*. São Paulo: Sinete, 2024b.
- LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad.: Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANTAELLA, Lucia. Inteligência Artificial e cultura: oportunidades e desafios para o Sul Global. In: SANTAELLA, Lucia. *Inteligência artificial e cultura: perspectivas para a diversidade cultural na era digital*. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022, p. 69 - 96.